

HIPERCORREÇÃO E O IMAGINÁRIO DE “CORREÇÃO” DE LÍNGUA

Débora Maria dos Santos Castro SILVA¹

Universidade Federal do Tocantins

dmscspmw@globocom.com

Resumo: Neste artigo pretendemos descrever e analisar as características do português popular usado como língua vernácula por uma falante semialfabetizada, empregada doméstica do município de Palmas - TO após constituição do *corpus* e descrição dos principais fenômenos linguísticos no âmbito da hipercorreção na língua escrita. Para o presente estudo, partimos da hipótese de que o imaginário de “correção” de língua faz com que o falante se preocupe com o modo com que fala/escreve, fazendo com que produza formas diferenciadas das que estão normatizadas. A análise revelou, além de alguns desvios da norma padrão e algumas regularidades na escrita, representações em torno da comunidade linguística de procedência do falante. É nesse aspecto que se faz relevante o estudo da língua pela perspectiva social. O *corpus* foi analisado sob a perspectiva da teoria sociolinguística. Diferenciando os usos das formas da língua, buscamos construir um referencial teórico embasado em aspectos sociais como o imaginário social criado em torno da profissão exercida pelo interlocutor de tais mensagens e, também, buscamos base em referenciais específicos dos estudos linguísticos como a *hipercorreção*.

Palavras-chave: hipercorreção; sociolinguística; mensagens de texto

1. Considerações iniciais

Nascida no município de Lizarda, Tocantins, em 1983, Ivânia Pereira Lopes, empregada doméstica, autora das mensagens de texto objeto de análise deste artigo, estudou até a terceira série apenas. Aos trinta anos de idade, sente vergonha do modo como escreve, mas muito humildemente declara não se importar de ter seu nome revelado, pois acredita que pode ficar famosa. Sempre que fala a respeito de sua dificuldade em escrever textos, relembra a época em que estudou, dizendo ter sido uma das melhores alunas de sua sala. Por questões adversas, inclusive financeiras, precisou deixar os estudos para trabalhar em casa de família. Atualmente sua leitura se restringe a passagens bíblicas.

Optamos por discutir a temática da hipercorreção e da variação linguística devido à constatação de que muitos ainda creditam à língua portuguesa a característica de homogeneidade e assim desprezam e estigmatizam as variações linguísticas. Tomando por base a relação entre linguagem e sociedade, em função de um sistema de comunicação importantíssimo entre os seres humanos, neste estudo objetivamos confrontar a linguagem do ponto de vista da sociolinguística, que considera a língua em uso pelos seus falantes e a realidade normativa exigida pela língua escrita.

¹ Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins

Para atingir os objetivos pretendidos, selecionamos um *corpus* constituído por trinta e nove mensagens de texto enviadas por Ivânia, via celular, a sua patroa, professora de Língua Portuguesa. Nelas, Ivânia trata de assuntos profissionais, desde justificativas para falta ao trabalho, até questões salariais. Das trinta e nove mensagens que compõem o *corpus*, as cinco últimas foram enviadas via mensagem de texto para o celular da outra empregada que também trabalha na mesma residência familiar.

2. A Sociolinguística de abordagem variacionista

A Sociolinguística de abordagem variacionista considera a língua como sendo um sistema determinado pelo meio social, com toda a variação própria à vivacidade da língua em uso. Segundo Tarallo (1986), a língua é considerada como sendo um veículo de comunicação, de informação e de expressão entre as pessoas. Dessa forma, a interação social e a necessidade de comunicação entre as pessoas levam ao desenvolvimento de uma língua. Para Tarallo (1986), foi “William Labov quem, mais veementemente, voltou a insistir na possibilidade, virtual e real, de se sistematizar a variação existente e própria da língua falada” (TARALLO, 1986, p.7).

Dessa forma, pode-se definir a Sociolinguística como sendo um ramo da Linguística que considera a relação entre língua e sociedade. Destacam-se, ainda, dois termos essenciais: *variedade* – padrão linguístico de uma determinada sociedade e *variante* – partícula linguística onde ocorre a variação. Alguns estudos da Sociolinguística “demonstram que a mudança não é apenas uma função do sistema linguístico, mas uma função de interação da estrutura interna da língua com o processo social que ela realiza” (LUCCHESI, 1998, p. 200). A mudança é, segundo tais estudos, determinada em grande parte pelas relações sócio-políticas e ideológicas estabelecidas no interior da comunidade de fala (relações de poder e de prestígio, posição social, orientação cultural do falante etc). No caso do presente estudo, o fato de a autora das mensagens ser uma mulher semialfabetizada que se dirige a outra mulher plenamente alfabetizada, uma vez que se trata de uma professora pós-graduada, leva a primeira a tentar adequar sua escrita a uma “outra escrita” muito mais prestigiada do que a sua. Para tal, esforça-se em “corrigir” sua escrita e acaba incorrendo no erro de corrigi-la demasiadamente.

Para a análise da língua dentro de situações reais de uso, é de suma importância o estudo da *comunidade linguística* em questão, que, segundo Alkmim, (2001, p.31) é “um conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos”. É plausível que as variedades adquiridas pelos falantes sejam próprias das suas regiões e classes sociais, uma vez que é nessa situação que ocorrem as suas mais frequentes situações de comunicação. Dessa forma, podemos dizer que as comunidades linguísticas determinam sobremaneira o modo como os sujeitos se expressam oralmente, mas o que procuramos distinguir neste trabalho é justamente a distância havida entre língua falada e língua escrita.

2.1 Variação linguística

Não há língua imutável, posto que elas não permaneçam estanques através do tempo e das mudanças sociais. Daí surgirem as variações linguísticas, que segundo Tarallo (1986) são entendidas como diferentes formas de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto. Dessa

forma, é possível dizer que a língua, por apresentar múltiplas faces e ser heterogênea, admite a existência de uma série de variações que traduzem o comportamento social e cultural do falante. E é a situação real de comunicação e a possibilidade de a língua expressar a variedade cultural havida em qualquer grupo que determinam a escolha de uma variação ou outra. Dessa forma, é inegável que a variação é inerente à natureza da linguagem humana.

Portanto, e partindo do princípio de que a linguagem é um fenômeno inato e universal, é imprescindível não particularizar os usos da língua, pois o mais importante é determinar como essa capacidade vem se adequando enquanto prática social.

Considerada como “erro” por séculos pelos gramáticos normativos, apenas com os estudos do norte-americano Labov, nos anos 70, é que se passou a ver a variação sob a perspectiva científica.

Como é fato que as línguas mudam todos os dias, necessário se torna considerar essas mudanças como um fator positivo, relevante e imprescindível ao desenvolvimento da linguagem humana. Os diversos usos linguísticos constituem formas alternativas realizadas conforme os falantes e o contexto no qual estão inseridos.

Para Bagno:

É lamentável que uma coisa tão maravilhosa, complexa e apaixonante tenha sido reduzida, na tradição escolar, a uma divisão estúpida entre “certo” e “errado”, ainda mais estúpida porque se baseia em preconceitos sociais e culturais que já devíamos ter abandonado há muito tempo (2007, p. 43).

Ou seja, não há uma forma que seja “melhor” ou “superior” a outra, posto que esses valores não sejam de origem linguística, mas preconceituosa. Para Costa (2000), a fala de um indivíduo é a marca da sua condição social e do grupo social no qual está inserido.

Dessa forma, quando fala a pessoa revela seu repertório linguístico e este denuncia sua condição social.

A esse respeito, Bortoni (2005, p. 14) assim se pronuncia: “o comportamento linguístico é um indicador claro da estratificação social”. O falante, em seu cotidiano, adequa sua linguagem às situações específicas, isto é, o estilo do falante depende do outro que está presente na interação, do tema e do contexto social, espacial e temporal.

Para Bazerman (2007, p.110), “aprender a escrever significa aprender a assumir uma presença ousada no mundo e entrar em complexas e sofisticadas relações com os outros”.

2.2 Hipercorreção

Mattoso Câmara (2002) define hipercorreção como “equivocação no desejo de falar bem” quando se modifica, numa tentativa de correção, o que é da norma espontânea linguística.

A *hipercorreção*, por questões sociolinguísticas, está presente na escrita de pessoas em ascensão cultural, pois esses sujeitos já têm certa noção das normas da língua, do contrário, não teriam essa intenção de “acerto”. O que ocorre é que o usuário da língua fica ansioso por evitar erros para os quais já foi alertado, e termina aplicando a regra onde ela não se faz necessária. Para Moreno (2004), não é todo indivíduo que comete erros de *hipercorreção*,

mas apenas aquele que tem certo grau de estudo e se preocupa com o correto uso do idioma. Nesse ponto, discordamos de Moreno por acreditarmos que, como o próprio *corpus* em estudo e seu contexto de produção evidenciam, a hipercorreção ocorre por motivações muito mais sociais do que propriamente linguísticas.

Segundo Louis-Jean Calvet (2002, p.69), a presença da norma padrão na sociedade pode levar a dois tipos de comportamento linguístico: o primeiro refere-se ao “modo como os falantes encaram sua própria fala”, reconhecendo o seu jeito de falar como “uso certo” ou “uso errado”. Assim, valorizam sua prática linguística ou, ao contrário, tentam modificá-la para adequá-la a um modelo de prestígio. O segundo comportamento linguístico refere-se “às reações dos falantes ao comentarem a fala dos outros”, isto é, refere-se ao fato de que as pessoas julgarão o modo de falar dos outros, estigmatizando uns e valorizando outros. Para o presente estudo, consideramos que a autora das mensagens, ao evidenciar a hipercorreção em seus textos, revela também o julgamento que faz, aqui, de sua própria escrita, reconhecendo-a como errada e tentando corrigi-la. Influenciando sua prática, especificamente nesse contexto, há o receio por parte dessa autora de que sua escrita seja estigmatizada por parte da destinatária de suas mensagens, que pertence a uma condição social superior a sua.

A *segurança linguística* ocorre quando os falantes consideram a sua variante linguística como sendo a variante prestigiada. Já a *insegurança linguística* é resultado do valor que os falantes atribuem à própria fala. Quando, por razões sociais diversas, consideram seu modo de falar como uma norma desprestigiada na sociedade e reconhecem outra norma de mais prestígio como modelo (CALVET, 2002). Logo, “crer que há um modo prestigioso de falar a própria língua implica, quando alguém pensa não possuir esse modo de falar, tentar adquiri-lo” e isso “pode gerar uma restituição exagerada das formas prestigiosas: a hipercorreção”. Isto é, devido à insegurança linguística, esse falante tenta imitar, de forma exagerada, a norma modelo, por várias razões: “fazer crer que se domina a língua legítima ou fazer esquecer a própria origem.” (CALVET, 2002, p.77-78).

3. O imaginário social

Considerando as condições de produção das mensagens, em que um “eu” (empregada) escreve para um “ele” (professora), esse “eu” vai ter a inevitável preocupação em “acertar”, ou seja, escrever aquilo que o “ele” espera que seja escrito e de forma correta. Partindo desse pressuposto, levamos em conta o imaginário social criado em torno da profissão docente e, a partir daí, justifica-se a ocorrência da *hipercorreção* na maioria das mensagens.

Se é certo que o modo como utilizamos a língua, tanto falada quanto escrita, suscita representações em torno da comunidade linguística de origem, provavelmente, esta nos remete à posição social ocupada em determinada sociedade. E o professor é, sem dúvida, aquele que “sabe falar” e “sabe escrever”.

4. As mensagens

Segue, abaixo, a transcrição fiel das mensagens de Ivânia Pereira Lopes enviadas, em sua maioria, a sua patroa via telefone móvel no período compreendido entre 2011 e 2013.

(1) Bom dia debora não deu deu ir trabalia pazei a noite com dode deite

- (2) Debora eu não vol orgi a cabei de cosuta agora mais 2 ora telho um ein zame de prevesao para mi faze
- (3) Bom dia debora eu não fui trabaliah oje não eu maehesi com caganeira eu não madei mais cedo poque eu axei que ia passa logo mais não pasol pomais que você fique xateado poreu não te ido altrabalio eu fico felizi poque para mi foi umilaqui eu ir albaeiro
- (4) O debora estol prezizano 50 reais sir poder miaruma
- (5) Debora vol passa no poti para maca um consulta
- (6) Boa noite bebora e que eu queria que você deixase o dieiro poque telho que da para jaira e mara eu falei que ia xega mais tarde mais vol xe o mesmo horário
- (7) Debora vol xega mais trades 8.30 eai eu fico ate 6.30
- (8) Debora o Pedro que jogol todas roupa passada todas no xao eu toi coloca denovo isima da cama ele tonol joga no xao eu falei que isso era coiza de jete besta itelije não fazia iso foi iso que eu falei para ele
- (9) Bom dia debora como eu não estva fazeno cocor eu tomei 2 lacto puga ote meidia mais tonei toma oltro 2 dois de noite malheci muito rui estol muito ino albaeiro porisonão vol trabalia
- (10) Bom dia debora onte estivi que volta no proto atedimeto dinovo amia bariga esta gade não cosigo ir albaeira nei sota gás estol cei cume tudo que ue como so almata na milha bariga vol leva todas os remedi as receita de ote para você ver obrigado
- (11) Debora estol ino para caca agora não vol trabalia pequei 2 dias deatetado passei semana toda com do seguda feira levo atestado cid m759
- (12) Bom dia debora so para tiaviza que vol passa no proto atedimeto poque não estol bei aviza a jaciara
- (13) Debora vol xega mais tradi
- (14) Boa noite debora so queria tilebar que você ainda não midel odieiro eu estol pesizano
- (15) Bom dia vol xega mais tarde vol na escola debora
- (16) Bom dia debora eu tilha falado que ia trabalia mais não sabia que era o dia das quiasa eu queria leva a miriam para pasia ai você delcota não madei mais sedo poque não queria tiacodar obrigado

- (17) Boa noite debora eu não fui trabalha poque eu fui vota no rio sono e caro que eu fui veio e noa trose nois poque ele pediu so outro patido que arumol ocaro para traze nois nessa trade mais vol trabalia no feriado mim delcupe noa te tiavizado
- (18) Bom dia debora vol pesizar do dieiro na patê da manilha poque a mosa vei bulca midelcupe
- (19) Debora boa noite e poque estol pecizano do diero para mim da para jaira obigado
- (20) Debora vou chega mas tarde tenho
- (21) Debora já deu duas cemana eu estava pesizano de 50 reais para hoje
- (22) Debora vol xega mais trade opinel da milha bisiqueta esta furado vol espera a bim alfisina
- (23) Debora nao vai da para mim ir nao a milha filha nao esta nada bei Esta codiareia vai toda ora nobaeiro eu nao poso leva neipara ir nei para casa da malene tei quiasa pequena pode pega a diareia eu estou pesizano do dieiro sin poté mada pela jasiara eu mado alquei pega pami
- (24) Debora quando pode mim liga
- (25) Debora vou pesiza 50 reais amanhã o resto pode mim pparar na semana que vei Baa Noite Obigado
- (26) Nao vai da para mim i oji eu eu nao estou bei mim decupe
- (27) Debora Nao Vai Da De I Oji A Miriam Nao PassOI Bei Vomitano E Com Caganera Telho Medo Levar Ela Assim Pocalza Da Mariam
- (28) Debora Nao Milevi Amao E Midecupe Mais Vol Pesiza Do Dieiro Nesi Sábado Pesizo Pagar Alguma Coiza Boa Noite
- (29) Debora Vol Xega Mais Tade Vol No Coreio
- (30) Debora Nao Vol Ohje Mais Tabalho Noferiado Bom Dia
- (31) Debora Eu Tipeso Pofavo Mieteda Nao Estol Misetino Nao Estol Misetino Bei Pesizo Mais Doize Dia De Foga Eu Tipeso Cado Pode Miliga Eu Sei Q E Tipedi Dimais Mais Nao Estol Encodisao De Tabaha
- (32) Acabei De Fazeoizame Agora Enao Estol Misetino Bei Estol Sagano E Donope Da Bariga
- (33) Debora Eu Vol Faze Um Izame De Pevesao Vol Mais Tadi
- (34) Boa noite Debora Eu estol precizano de um vale de 60 reais prami troca o gais que acabol e copra um remédio

- (35) Etou no protoatendimento vol xega mais tade
- (36) Fala pa debora q nao vou oge etou com caganera
- (37) Q bom delso fiel
- (38) Fala pa debora qe etou com a gara exada, to com dete doendo ta
- (39) Vol xega mais tade o obus atasou

5. Análise do corpus

Azambuja (2011) afirma que para compreendermos o fenômeno da “hipercorreção” precisamos lembrar que há o imaginário de língua “correta” funcionando em nossa sociedade. Nesse sentido, segundo a autora, é possível observar a existência de uma contraposição entre alguns traços linguísticos que constituem o falar popular e outros que caracterizam a norma. Assim, para a autora,

[...] os fatos de “hipercorreção” ocorrem na tensão entre esses traços e nos possibilitam pensar sobre o funcionamento do imaginário de língua que constitui a hierarquização entre diferentes formas linguísticas e, consequentemente, entre os diferentes sujeitos. (Azambuja, 2011, p.2)

É essa mesma tensão entre os traços linguísticos referida por Azambuja que ancora nossa análise e possibilita que os segmentos estudados sejam enquadrados em categorias demonstradas no decorrer do texto e identificados como desvios explicáveis por influência da oralidade ou por mecanismo de *hipercorreção*.

A variedade de equívocos encontrados nas mensagens, nomeados aqui como equívocos por estarmos nos referindo à linguagem escrita, permite-nos escolher com quais iremos trabalhar. Assim, neste artigo, abordamos a *hipercorreção* e as formas distintas da sua ocorrência. Nesta análise, utilizamos como procedimento metodológico o contato com a literatura existente acerca do assunto e a abordagem de cada mensagem com suas características peculiares. Portanto, essa análise trata de fenômenos já identificados por outros autores em outras circunstâncias, mas também trata do nosso trabalho de análise para a identificação de ocorrências distintas como:

Hipercorreção e regularidade na grafia de *poque* (excertos 3, 6, 12, 16, 17, 18 e 19); *maca* (excerto 5); *tonol* (excerto 8); *lacto puga* (excerto 9); *tonei* (excerto 9); *pedeu* (excerto 17); *patido* (excerto 17); *patê* (excerto 18). Nessas construções, podemos observar o não registro da alveolar *r* sempre que sua ocorrência se verifica no final da primeira sílaba. Chama a atenção também a grafia correta dos vocábulos *outro*, *agora*, *Debora*, *para*, *jaira*, *mara*, *horário*, *roupa*, *furado* e *resto*, mesmo que em alguns deles se note a ausência da acentuação gráfica e da inicial maiúscula nos nomes próprios Jáira e Mara.

Outra ocorrência interessante de *hipercorreção* pode-se ver em casos de ortografia equivocada da palavra *tarde*, que ora é grafada de forma correta nos excertos 6, 15 e 20; *trades*, excerto 1; *tradi*, excerto 13; *trade*, excertos 17 e 22; *tade*, excertos 29, 35 e 39; *tadi*,

excerto 33. Observamos aqui a maior frequência das grafias *tarde* (três ocorrências) e *tade* (três ocorrências), o que parece sinalizar que Ivânia também nesse caso não grafa o *erre* no final da primeira sílaba, mantendo a regularidade já discutida para esse caso.

No caso de “*sir*”, “*felizi*”, “*cocor*”, excertos 4, 3 e 9 respectivamente, consideramos que a *hipercorreção* ocorre em torno da terminação das palavras, o que sugere que o modo como a palavra realmente termina é muito “simples” para que seja escrita assim. Desse modo, o usuário acresce letras no final para dar complexidade que não existe na escrita. Esse fenômeno de “criação” é interessante, pois, se formos analisar a língua oral da autora dessas construções, perceberemos que ela não utiliza, de forma alguma, construções como estas.

Caso similar ocorre em construções como “*telho*” (excertos 2, 6 e 27), “*malheci*” (excerto 9), “*milha*” (excertos 22 e 23), “*tilha*”(excerto 16), “*manilha*” (excerto 18), em que observamos uma regularidade na substituição da palatal *nh* pela palatal *lh*, fato que não ocorre na língua falada da autora.

Hipercorreção na recuperação da consoante velar *l* pós-vocálica em casos como *vol* (excerto 2); *estol* (excerto 4); *jogol* (excerto 8) e *oltro* (excerto 9).

Hipercorreção na supressão da velar *r* no final de verbos, como em *faze* (excerto 2), *passa* (excerto 3) e *te* (excerto 3).

Uma ocorrência comum na oralidade do Português em várias regiões do Brasil é o da elevação das vogais. Exemplos: “*jogu*” no lugar de *jogo*, “*quenti*” no lugar de *quente*. Tal ocorrência se verifica sempre nas sílabas átonas, elevando o fone [e] para [i] e o fone [o] para [u]. Dentre as regularidades evidenciadas no *corpus* analisado, é instigante o fato de que essa ocorrência não está presente, em quase nenhuma passagem, nas mensagens de Ivânia, falante do Português Popular. Os exemplos são vários: *noite*, *deite*, *vale*, *cedo*, *mesmo*...

6. Considerações finais

As mensagens de Ivânia, com seus “erros” e acertos evidenciam que a escola deixou de ser há muito a única instituição que dissemina a informação. A mídia, os meios eletrônicos de comunicação fazem isso com muito mais eficiência e rapidez. Prova disso é que Ivânia, apesar de ter frequentado tão pouco a escola, conhece certas regras de comunicação que em princípio até podem ser aprendidas na escola, mas não apenas nesse espaço. Ivânia, apesar do parco estudo a que teve acesso, sabe perfeitamente na comunicação que realiza via celular (ela sabe usar o celular!) abrir a mensagem com um “Bom dia Debora” e fechá-la com um “obigado”. Sabe também, e isso também não aprendeu na escola, que o abismo social que a separa da patroa obriga-a também a ser gentil, a usar de termos polidos, a pedir desculpas, mesmo quando cobra um direito. No *corpus* sob análise fica evidente a diferença de tratamento quando a mensagem é endereçada à patroa ou à colega de trabalho. Nós professores precisamos nos lembrar de que nosso ofício maior não é o de ensinar a ortografia, é formar o cidadão de um estado democrático.

Castilho (2009) defende que se continuarmos a defender o que é certo e condenar o que é errado, em vez de encarar criticamente a situação brasileira, estaremos perdendo uma grande oportunidade de formar o cidadão. Principalmente no caso dos alunos que não integram a classe culta, que hoje constituem a maioria na rede pública de ensino.

Segundo o autor, chegar à escola e só ouvir que você e sua família falam errado corresponde a receber uma sentença de exclusão, de marginalização.

Em vez de excluir, discutir com os alunos o fenômeno linguístico, fundamentado em amostras de língua e em suas variedades. Conscientizá-los dessas diferenças, associar as situações de fala às variedades adequadas a elas. Enfim, respeitar as diferenças para a partir delas promover a inclusão, também nos usos que se fazem da língua defender a premissa de que ser diferente é normal!

7. Referências

ALKMIM, Tânia Maria (2001). Sociolinguística. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A. C. (orgs.) **Introdução à linguística**. V.1. 2.ed. São Paulo: Cortez.

AZAMBUJA, Elizete Beatriz. **Fatos de “hipercorreção” como um observatório do funcionamento ideológico e da memória discursiva da/na língua**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas/Universidade Estadual de Goiás, 2011. Disponível em www.letras.etc.br/enelin2011/anais/index.php?type=AREA&entry...

BAGNO, Marcos: **Preconceitos Linguísticos – o que é, como se faz**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

BAZERMAN, Charles. **Escrita, Gênero e Interação Social**. São Paulo: Cortez, 2007.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegemu na escola, e agora?** Sociolinguística na sala de aula. 2º Ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

CALVET, Louis-jean: **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola, 2002.

CÂMARA JUNIOR, J. M (2002). **Manual de expressão oral e escrita**. 21ª ed. Petrópolis: Vozes.

CASTILHO, Ataliba T. de. **Saber uma língua é separar o certo do errado?** Museu da Língua Portuguesa Estação da Luz. Revista *Online*, São Paulo, 2009. Disponível em www.museulinguaportuguesa.org.br/colunas_interna.php

COSTA, Catarina de Sena S. M. da - (Org): **Linguística e Ensino de Língua Portuguesa: Sensibilidade Cultural e Interação Didático-Pedagógica**. Teresina: Editora Gráfica da UFPI, 2000.

LUCCHESI, Dante (1998). **Sistema, mudança e linguagem**. Lisboa: Colibri.

MORENO, C. (2004). **O prazer das palavras**. Porto Alegre: Zero Hora.

TARALLO, Fernando (1986). **A pesquisa sociolinguística**. 2. ed. São Paulo: Ática.